

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

CURSO DE ARTES VISUAIS - LICENCIATURA

JULIANA RESENDE DUTRA

**(RE)SIGNIFICANDO OLHARES: APRECIÇÃO ESTÉTICA, OLHAR SENSÍVEL E
CULTURA VISUAL NO ENSINO DA ARTE**

CRICIUMA

2012

JULIANA RESENDE DUTRA

**(RE)SIGNIFICANDO OLHARES: APRECIÇÃO ESTÉTICA, OLHAR SENSÍVEL E
CULTURA VISUAL NO ENSINO DA ARTE**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de licenciada no curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientador: Prof. Mndo. Marcelo Feldhaus

CRICIUMA

2012

JULIANA RESENDE DUTRA

**(RE)SIGNIFICANDO OLHARES: APRECIÇÃO ESTÉTICA, OLHAR SENSÍVEL E
CULTURA VISUAL NO ENSINO DA ARTE**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado
pela Banca Examinadora para obtenção do
Grau de licenciada no Curso de Artes Visuais
da Universidade do Extremo Sul Catarinense,
UNESC, com Linha de Pesquisa Educação e
Arte

Criciúma, 27 de Novembro 2012.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Marcelo Feldhaus – Mestrando em Educação – (UNESC) – Orientador

Prof^a. Aurélia Regina de Souza Honorato – Mestre em Educação – (UNESC)

Prof. João Alberto Ramos Batanolli – Mestre em Ciências Ambientais – (UNESC)

**Dedico este trabalho à minha filha Janaina,
a luz dos meus olhos. Presente que Deus
me enviou para mostrar quão bela é a vida!
Amo-te meu amor!**

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por mais esta conquista em minha vida, pelas energias positivas que me enviou no processo dessa pesquisa, tornando tudo muito intenso, mas ao mesmo tempo prazeroso e significativo.

Às pessoas que sempre estarão juntas a mim, que acreditaram em mim e me ensinaram a jamais desistir de meus sonhos e ideais! Mãe, mano, mana, Márcio e Janaina, amo vocês!

À UNESC, em especial à coordenação do Curso de Artes Visuais pela acolhida em meu processo de transferência externa.

A todos os professores, os quais transferiram seu conhecimento a mim nesta trajetória, em especial ao professor Marcelo Feldhaus o qual aceitou abraçar esta pesquisa, obrigado pela sua dedicação tão positiva, dedicada e harmoniosa.

“Ver é entrar em um universo de seres que se mostram, eles não se mostrariam se não pudessem estar escondidos uns atrás dos outros ou atrás de mim. Em outros termos: olhar um objeto é vir habitá-lo e dali apreender, todas as coisas segundo a face que elas voltam para ele. Mas na medida em que também as vejo, elas permanecem moradas abertas ao meu olhar e situado virtualmente nelas percebo sob diferentes ângulos o objeto central de minha visão atual. Assim, cada objeto é o espelho é os espelhos de todo o outro”.

Maurice Merleau-Ponty

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar que mediações são necessárias e contribuem para a ampliação do olhar sensível do professor de arte diante de um objeto/linguagem da arte. As questões norteadoras envolvem reflexões sobre: o que é olhar, a importância do olhar sensível na arte-educação e as relações da cultura visual e ensino da arte. Para elucidar o problema discorro no referencial teórico sobre apreciação estética, educação do olhar e processos de mediação. Dialogo também sobre a presença da cultura visual no ensino de arte contemporânea, aproximando relações entre apreciação estética e cultura visual além de dialogar também sobre a formação do professor de arte. De acordo com a definição do problema a pesquisa é de natureza básica e de cunho qualitativo, uma vez que dialoga de forma a contribuir para as diferentes reflexões no contexto investigado. Envolve na pesquisa 04 professoras habilitadas em arte que lecionam nas escolas estaduais da região da AMESC/SC. Contudo, a partir dos resultados fica evidente que grande parcela dos professores não participa de formações continuadas, não realizam apreciações estéticas em suas aulas e se mostram um tanto quanto confusos ao tema quando relacionado à prática em sala de aula. Busco dialogar e oferecer possibilidades de intervenção, propondo um projeto de extensão, atendendo as solicitações dispostas pelas DCN de Artes Visuais (Diretrizes Curriculares Nacionais) apresentando uma proposta de curso de formação continuada com professores de arte visando promover a ampliação de repertório sobre apreciação estética, cultura visual e a construção do olhar sensível.

PALAVRAS-CHAVE: Apreciação estética. Sensibilização do olhar. Cultura visual. Mediação. Professor de arte.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|--|----|
| Figura 1– Mapa da região da AMESC..... | 35 |
|--|----|

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|---------|--|
| AMESC | Associação dos Municípios do Extremo Sul Catarinense |
| CTG | Centro de Tradições Gaúchas |
| DCN | Diretrizes Curriculares Nacionais |
| GERED | Gerência Regional de Educação |
| LDB | Lei de Diretrizes e Bases da Educação |
| RS | Rio Grande do Sul |
| TCC | Trabalho de Conclusão de Curso |
| UNESC | Universidade do Extremo Sul Catarinense |
| UNIPLAC | Universidade do Planalto Catarinense |

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| 1 INTRODUÇÃO | 10 |
| 1.1 MÉTODOS, ESCOLHAS E CAMINHOS: DELINEANDO A PESQUISA | 12 |
| 2 APRECIÇÃO ESTÉTICA E A CONSTRUÇÃO DO OLHAR | 15 |
| 2.1 PROCESSOS..... | 16 |
| 2.2 CONSTRUÇÃO DO OLHAR | 18 |
| 3 CULTURA VISUAL | 21 |
| 4 MEDIAÇÃO | 27 |
| 5 FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE ARTE | 31 |
| 6 ANÁLISE DE DADOS | 34 |
| 6.1 PROJETO DE CURSO..... | 40 |
| 7 CONCLUSÃO | 43 |
| REFERÊNCIAS | 45 |
| APÊNDICES | 47 |
| Apêndice 01 – Termo de consentimento e questionário | 48 |

1 INTRODUÇÃO

A arte sempre esteve presente em minha vida. Fui muito influenciada pelos meus pais a participar de atividades relacionadas à arte e à cultura desde criança.

Nascida no Rio Grande do Sul, na cidade de Pelotas, minha família em minha infância seguia muito as tradições regionalistas. Herdada de geração em geração, a participação em invernadas artísticas e concursos de Prenda¹, promovidos pelos CTGs, me possibilitaram uma aproximação com a cultura, poesia, canto e dança tradicionalista.

Toda minha infância e adolescência fui estimulada a participar de aulas de desenho, flauta, violão, pintura, balé, teatro... Sempre estava fazendo alguma coisa. Sinto-me feliz e grata por ter tido esta influência familiar, que acredito ser a grande responsável do meu gosto pela arte.

Minha primeira opção de graduação foi Artes Visuais e confesso que sabia que se tratava de arte, mas não sabia realmente que era relacionada ao ensino. Na época era a opção mais parecida comigo e decidi então que era isso que eu queria. Assim fui morar em Lages iniciando minha graduação na UNIPLAC e no desenrolar dos semestres fui percebendo que o curso era voltado ao ensino de arte. Confesso que fiquei meio apreensiva, pois nunca tinha me passado pela cabeça ser professora, mas depois de uma substituição onde fui descobrir o que era realmente uma aula de arte percebi que eu estava no caminho certo.

Minhas aulas de arte na escola foram frágeis. Estudei em escolas estaduais do RS e nunca tive um professor habilitado, as aulas não ultrapassavam o desenho livre, sem contextualização alguma.

Quando me dei por conta, já em minha graduação, de tudo o que eu poderia ter aprendido em minhas aulas de arte na escola e não aprendi, percebi o quão importante ela se faz em nossas vidas e assim despertou em mim a paixão pela Arte na educação e minha vontade de ensinar aquilo que eu não tinha

¹ As entidades tradicionalistas, os CTGs, promovem anualmente este concurso o qual escolhe a melhor representante das virtudes, da dignidade, da graça, da cultura, dos dotes artísticos, da beleza, da desenvoltura e da expressão da mulher gaúcha. Este concurso se desenvolve nas categorias mirim, juvenil e adulta. O concurso acontece em três etapas, nível municipal, regional e a fase final em nível estadual é realizada anualmente na segunda quinzena do mês de maio, sendo este um dos mais importantes eventos do Rio Grande do Sul.

aprendido na escola e dizer: olhem, a arte está aí, aqui e em todo lugar, vamos vivê-la, ela faz parte de nós!

Decorrente de algumas mudanças houve a necessidade de nos mudarmos para cidade de Praia Grande-SC e assim realizei uma transferência externa para a UNESCO, onde me deparei com um curso muito bem estruturado, realizei meus estágios e a partir deles e de minha vivência (ou não vivência) com a arte na escola quando criança nasceu meu tema e problema de pesquisa relacionado à Cultura Visual.

No decorrer dos estágios e em minha trajetória como professora de arte, ainda que não habilitada, pude perceber que o descaso com o ensino da arte na escola continua e que a falta de abordagem eficaz do ensino ainda permanece em algumas escolas, podendo-se observar pela concepção de arte dos educandos, professores, direção e pais. As dificuldades de relação da arte com suas próprias vidas são assustadoras, a arte parece estar longe, muito longe.

Muitas vezes percebi a falta de sensibilidade dos educandos, e isso sempre me preocupou. Algo surpreendente mesmo aconteceu quando, em meu estágio do ensino médio, ao realizar uma apreciação estética das obras de Sebastião Salgado pude perceber que alguns educandos, perante as fotografias do artista, as quais representavam cenas de fome, dor, escravidão, algo característico em suas obras que mantém um grande caráter social abordando muito assuntos relacionados a estas questões, riam, debochavam, e isso mexeu muito comigo, causando grande preocupação. Não esperava que chorassem, mas que ao menos se sensibilizassem com as imagens e percebessem a relação arte/vida/sociedade.

A partir desse dia resolvi procurar métodos em que pudesse sensibilizar este olhar, libertá-los do embaraço dos pré-conceitos e pré-julgamentos, mostrando uma nova maneira de olhar, de sentir o que acontece ao nosso redor e no mundo.

A presente introdução assume o papel de desenhar os capítulos na perspectiva de melhor mapear esse desafio, assumindo-se como primeiro capítulo, momento que falo de minha relação e vivência com a arte, minha graduação em Artes Visuais e outras questões que se apresentam como introdução dessa proposta.

No segundo capítulo falo sobre a apreciação estética e a construção do olhar, seus processos, sua importância na sensibilização do olhar na contemporaneidade e da interpretação e a tradução dos códigos visuais, trazendo

como referência Araújo (2007), os Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte (1997), Perissé (2009), Meira (1999, 2003) e Rossi (2005).

Já no terceiro capítulo abordo sobre A Cultura Visual, fazendo um breve histórico de seus precursores e de sua importância no ensino de arte contemporânea, trago como autores Hernández (2000, 2007), Pillar (2001), Martins (2006, 2008), Tavin (2008), Barbosa (2003), Tourinho (2011), Cattani (2007).

O quarto capítulo traz como título Mediação, trazendo sua importância na aula de arte, como também alguns conceitos e possibilidades. Tramando este texto trago autores como Barbosa e Coutinho (2009), Chauí (1998), Chiovatto (2000), Martins (1998, 2005).

No quinto capítulo me direciono a formação do professor de arte e sua cumplicidade com o ensinar e aprender, abordando questões sobre o ensino da arte na formação do sujeito/professor/aluno, autores como Efland (2008), Jagoszinski (2008) Ostetto (2004), Pilotto (2008), Martins (1998) tramam este texto.

O sexto capítulo traz a análise dos dados da pesquisa feita junto aos professores de arte, bem como, apresento a análise das respostas de maneira comparativa, com as demais respostas e baseada em autores que defendem ideias semelhantes. Por fim uma proposta de projeto de curso, pensando a formação continuada dos professores, enquanto devolutiva dessa investigação seguida da conclusão e resultados da pesquisa. Acrescento, então, as referências utilizadas em todo este Trabalho de Conclusão de Curso.

1.1 MÉTODOS, ESCOLHAS E CAMINHOS: DELINEANDO A PESQUISA

Toda pesquisa é movida pela construção de novos conceitos, novas escutas, das quais surgem conhecimentos e assim novas pesquisas. O conhecimento é algo em constante desenvolvimento e mudanças. DEMO (2006, p.14) sabiamente aponta que “quem ensina carece pesquisar, quem pesquisa carece ensinar. Professor que apenas ensina jamais o foi. Pesquisador que só pesquisa é elitista explorador, privilegiado e acomodado”. Nesse sentido a pesquisa é indissociável do ensinar e aprender, é algo essencial na formação de um educador.

A arte está entre a ciência e seu vasto campo híbrido de sensações e possibilidades. Pesquisar em arte se faz necessário, pois a pesquisa é a “busca de

sistemática de soluções, com o fim de descobrir ou estabelecer fatos ou princípios relativos a qualquer área do conhecimento humano” (ZAMBONI, 1998, p.43).

A pesquisa nos possibilita aprender de forma criativa e autônoma, onde traçamos nosso caminho e vamos à busca das respostas. Em arte, a pesquisa desvela as dúvidas de uma área em constante transformação, onde a cada momento se constroem novas possibilidades e surgem novos conceitos que partem muitas vezes de conhecimentos anteriores.

Analisar criticamente os processos de apropriação e produção em arte e as condições oferecidas por diferentes espaços para sua concretização vem contribuir na reformulação dos processos de formação de professores nos projetos de ação na área artístico-cultural das escolas e demais instâncias culturais, bem como subsidiar elementos para as políticas públicas de acesso a cultura. (LEITE, 2008, p.35).

Minha pesquisa insere-se na linha de Educação e Arte que traz como ementa os “princípios teóricos e metodológicos sobre educação e arte; Linguagens artísticas e suas relações com a prática pedagógica; Estudos sobre estética, semiótica, identidade, cultura e suas implicações com a arte e a educação”². Partindo desse pressuposto, proponho como problematização: Que mediações são necessárias e contribuem para a ampliação do olhar sensível do professor de arte diante de um objeto/linguagem da arte?

A problematização é ancorada em questões norteadoras que referenciam as seguintes questões: O que é olhar? Qual a importância do olhar sensível na arte-educação? Qual a relação da cultura visual e ensino da arte? Como ampliar o olhar as produções artístico-culturais no mundo contemporâneo?

O objetivo de minha pesquisa é proporcionar reflexões sobre os processos de mediação a partir dos conceitos de apreciação e fruição estética ressaltando a importância da cultura visual no desenvolvimento do olhar sensível.

Trata-se de uma pesquisa de natureza básica, pois objetiva gerar conhecimentos novos, úteis para o avanço da ciência sem aplicação prática prevista, sem finalidades imediatas. Envolve verdades e interesses universais e caracteriza-se como qualitativa, pois quantificar não se adéqua aos objetivos da mesma, que busca compreender o desenvolvimento da cultura visual em arte. Minayo, sobre a pesquisa qualitativa escreve:

² Dados baseados no site www.unesc.net. Acesso em: 20/08/12 às 18h30min.

(...) Ela trabalha com o universo dos significados, motivos, apreciações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos a operacionalização de variáveis. (MINAYO, 2000, p.21).

É impossível se quantificar dados os quais dependem de significados, motivos e atitudes como menciona a autora, são dados os quais merecem um olhar mais profundo que relaciona e faz conexões possibilitando assim uma apreensão mais adequada dos dados coletados. Os dados da pesquisa foram coletados através de questionários com perguntas semi-estruturadas realizadas entre os meses de agosto e setembro de 2012 envolvendo quatro professoras de arte habilitadas que trabalham em escolas estaduais da região da AMESC - Associação dos Municípios do Extremo Sul Catarinense.

Buscando dialogar e oferecer possibilidades de intervenção, proponho um projeto de extensão, atendendo as solicitações dispostas pelas DCN de Artes Visuais (Diretrizes Curriculares Nacionais) apresentando uma proposta de curso de formação continuada com professores de arte visando promover a ampliação de repertório sobre a cultura visual e a construção do olhar sensível.

2 APRECIÇÃO ESTÉTICA E A CONSTRUÇÃO DO OLHAR

“Não vez que o olho abraça a beleza, o mundo inteiro? (...) é a janela do corpo humano por onde a alma especula e frui a beleza do mundo, aceitando a prisão do corpo que, sem esse poder, seria um tormento (...). Ó admirável necessidade! quem acreditaria que um espaço tão reduzido seria capaz de absorver a imagens do universo?”

Leonardo Da Vinci

A apreciação estética envolve nossa memória, nossa imaginação e nossa inteligência, emaranhando-se em nossos sentidos, afetando nosso ser em um todo. É uma experiência estritamente individual, onde o que vemos dialoga com nosso repertório visual adquirido, ampliando nossa percepção, levando-nos ao encontro do passado, rememorando vivências e as associando a novas experiências. Um ciclo inacabável de sensações “a estética tem como consciência e reflexão o universo que chega a nós pelos sentidos, sentimentos, linguagem afetiva, o que chega pelo mundo histórico, pessoal e radical em termos de vida” (MEIRA, 2003. p.24).

A apreciação estética transforma saberes, nela nos envolvemos, revivemos e vivemos experiências, refinamos a partir dela, nossos sentidos.

Na arte, a apreciação estética possibilita nos depararmos com um mundo repleto de sensações, onde a obra mergulha de certa forma em nosso corpo, em nossa alma, aflorando nossos sentidos.

A luminosidade da obra de arte, sua iniciativa, penetra-nos de cima para baixo. Ilumina porões e sótãos, planos inconscientes e “setores” da consciência. Pode alegrar ou assustar. Intrigar ou entristecer. Influencia-nos e impressiona-nos mais do que possamos calcular. Não estamos passivos, porém, a experiência viva dessa penetração luminosa é justamente o resultado de nossa recepção ativa. A claridade da obra é recebida com tal, é interceptada, acolhida e recriada – e nos sentimos então “preenchidos” de sentimentos e conceitos. (PERISSE, 2009, p.29).

A vivência e afloração dos sentidos pela arte atravessam os múltiplos significados presentes nela e fora dela, permitindo uma relação arte/vida.

Há algo (ou muito) de imorredouro na arte. Muito mais que uma diversão, um passatempo, a arte é função essencial do indivíduo humano na sociedade, bem como sinal de nossos inconformismos mais profundos. Não queremos morrer pura e simplesmente, não queremos ser um “cadáver adiado”, como diz Pessoa num poema, na arte queremos compreender um pouco melhor o que nos rodeia, captar a respiração da realidade para não morrermos de asfixia espiritual. (PERISSE, 2009, p.28).

A interpretação e a tradução dos códigos visuais são de certa forma intrínsecos aos saberes da arte. É preciso ter um olhar sensível, curioso e abrir a porta dos sentidos para podermos significar:

A arte educa na medida em que, atraindo nossa visão, encantando nossa audição, agindo sobre nossa imaginação, dialoga com a nossa consciência. Mais do que nos fazer reagir à melodia, à rima, à composição pictórica, às cenas do filme, esses estímulos que nos chegam pela arte criam um espaço de liberdade, de beleza, no qual nos agimos convidados a agir criativamente. (PERISSE, 2009, p.37).

A educação estética tem como desafio o rompimento da arte como uma concepção de adereço, de algo supérfluo, contemplativo, seu desafio é que esteja presente na vida dos sujeitos, contextualizando-se na vida dos mesmos, buscando o contato com a arte como fruição, como reflexão, em busca de uma experiência instituidora da sensibilização. É necessário que a experiência estética seja “mediadora do seu imaginário e o imaginário social, como algo inserido na sua cultura, na sua vida.” (MEIRA, 1999, p.131).

2.1 PROCESSOS

O desenvolvimento da compreensão se dá muito mais pelo envolvimento que o indivíduo tem com a arte, considerando aqui a prática, o estudo, o conhecimento, a tentativa de entendimento, do que pela maturidade biológica.

Ana Rita ferreira de Araújo (2007)

É preciso pensar arte como produção cultural, presente no dia-a-dia, próximo do sujeito. A partir dessa narrativa surge um questionamento dos conceitos aqui apresentados: será que nas aulas de arte o contexto dos alunos é relevante para escolha de tal projeto ou conteúdo, procurando dessa forma esta aproximação arte/vida? É preciso rever se realmente nós professores temos possibilitado a nossos alunos tal proximidade. De acordo com as leituras realizadas, essas relações tornam-se muito especiais no momento da fruição, pois quanto mais informações o sujeito já tem, maior sua conexão da obra/linguagem/veículo de arte com suas vivências realizando assim essa aproximação e relação arte/vida.

Atualmente a Estética, como campo de estudos, reconhece o momento de conexão direta com a obra de arte como uma experiência estética

fundamental fundadora de outras formas de experiência. A admiração requer condições de preparação que não emanem só do simples contato sensorial. Requer certas aprendizagens que possam transcender estágios elementares de apropriação, um clima empático, envolvimento emocional profundo. (MEIRA, 1999, p.131).

Praticar a renúncia de velhos julgamentos também se torna indispensável, pois neste mergulho no mundo do sensível, é necessário o rompimento de conceitos pré-estabelecidos geralmente ligados à beleza e harmonia. É fundamental desprender-se das amarras do óbvio e olhar além da disposição do observador com a obra, envolver-se e sentir-se atraído pela mesma, realizando um processo de fruição, onde a disposição do observador também é imprescindível.

Para apreciar e avaliar a beleza que há no mundo, ou numa obra de arte, ou no rosto de uma pessoa, ou na ação que alguém realize, ou num eletrodoméstico... não basta ter olhos para ver (ou ouvidos para ouvir, no caso da obra musical). É preciso possuir adequada disposição interior para apreciar e avaliar melhor, para interpretar melhor o que vemos/ouvimos. Esta disposição se liga a apreciação estética. (PERISSE, p. 27, 2009).

Assim, o espectador necessita se apossar da obra, mergulhar em sua amplitude de sensações, pois “precisamos aprender a apreciar melhor a arte para melhor aprender com o que apreciamos” (PERISSE, 2009, p. 36).

A construção do olhar sensível é indissociável da formação estética do sujeito, é preciso olhar, olhar com outros olhos, com os olhos do sentido, para que a experiência estética se concretize indo além da mera contemplação.

De fato, há uma necessidade na contemporaneidade de uma aprendizagem/educação do olhar. Vivemos em meio a um período no qual as linguagens se misturam, e onde a informação está na interpretação dos códigos.

A abordagem contemporânea em crítica estética desloca a ênfase da percepção para a interpretação. Se acreditarmos que a arte/educação é formada e modelada pelo mundo da arte, como diz Wilson (1989), a ênfase na leitura estética visual deve estar na experiência do aluno-leitor como objeto de arte (ou a imagem) e em estratégias interpretativas. (ROSSI, p.50, 2005).

Vivemos um período que parece carecer de sensibilidade perante as coisas, de um olhar que se entrelace nos significados e sentidos, um olhar puro e percebedor de si mesmo que olhe profundamente a vida e dialogue com ela. A

necessidade de um olhar sensível perante o mundo é algo mais do que adequado neste momento em que vivemos, pois:

Quantas vezes não deixamos passar despercebidas coisas, pessoas e situações? Quantas vezes apenas passamos nossos olhos pelas coisas do mundo sem que a olhemos com atenção e intenção? Tudo está para ser olhado não importa o modo como olhemos e nem com o que: olhos orgânicos, olhos da alma, olhos do corpo, olhos tecnológicos. (ARAUJO, 2007, p. 21).

Inúmeros são os motivos desse olhar muitas vezes não acontecer, e a maior das desculpas quem leva é o tempo!

Deixamos de apreciar o presente em busca do futuro. Vivemos correndo, isso é fato, mas corremos tanto para onde? Nossa mente está a todo momento arquitetando o futuro: é a aula de amanhã, o planejamento das aulas da semana que vem, o concurso para estabilização profissional e assim vai... Aonde queremos chegar? Toda essa euforia e preocupação fazem parecer que mais rápido ainda a vida caminha e com ela nosso olhar apenas passa pelas coisas, perdendo sua virtude, seu encantamento sua significação.

2.2 CONSTRUÇÃO DO OLHAR

Que olhar é este que busca resposta e encontra perguntas?
 Que busca sem mesmo saber pelo que ou por que procura?
 Este movimento do olhar é o que situa o ser no mundo.
 É o movimento sensível que celebra a existência humana

Ana Rita Ferreira de Araújo (2007)

A ampliação do olhar nos torna reflexivos e perceptivos a tudo que acontece ao nosso redor, percebendo o mundo que nos rodeia de uma maneira interpretativa e crítica.

As possibilidades do olhar são infinitas, não há limites para o olhar. Quando mostramos uma imagem a uma criança conseguimos perceber quão maravilhosa possibilidade o olhar lhe traz, olhares afoitos que brilham e imaginam sem parar, tudo pode acontecer, tudo pode se transformar. Alguém diz: “eu to vendo um peixe!”, porém outro fala: “Eu acho que é uma girafa!”. E ai por diante já começa

uma história...: “Eu tinha um peixe”; “eu já vi uma girafa quando fui ao zoológico!”³ e assim por diante o olhar leva-nos onde quisermos.

E como pode o olhar nos levar a mundos tão imprevisíveis? Como posso através de um olhar imaginar coisas tão incríveis...? Olho e olho mais uma vez e mais uma e outra, mas de todos estes olhares nenhum foi igual ao outro, cada um se completou ao outro num exercício meu, só meu, do meu olhar.

De acordo com o PCN de arte “a percepção estética é a chave da comunicação artística” (BRASIL, 1997, p.39) sendo assim, é essencial perceber, olhar e significar para realmente ter uma relação/fruição com a obra.

O problema está na maneira, muitas vezes, que esse momento é vivenciado. Em meio a estas concepções me questiono: o professor de arte é facilitador desse processo? Ele percebe e se percebe como um apreciador da arte? Busca esta formação visual em sua vida para que possa também a oferecer a seus alunos? Percebe a importância da cultura visual na vida de seus educandos e a relação da mesma com a arte?

Pensando neste olhar sensível/crítico/reflexivo é indispensável que pensamos nos sujeitos participantes desse processo onde estão inseridos e qual a melhor maneira de proporcionar a melhor relação dele com este objeto/linguagem da arte.

O olho é o nosso corpo “o olhar se faz pelo corpo num entrelaçamento de sentidos, percepções e consciência. Neste sentido o olhar não apenas vê, ele olha, toca, sente e compreende o mundo e principalmente o é, com o mundo” (ARAÚJO, 2007, p.17). O olhar sensível implica em olhar o mundo e deixar-se ser olhado por ele, mas é necessário permitir este olhar, se dispor a ele abertamente, estar disposto às novas descobertas possíveis desta experiência.

Um olhar educado é aquele olhar curioso, que não se contenta com o que está imposto superficialmente, ele quer ir além. O contato com a arte faz emergir este olhar. Muitas vezes nosso olhar se prende aos estereótipos, uma obra abstrata se torna sem significado, pois essa não retrata fielmente os seres e objetos do mundo, aí surge a necessidade de aprofundar este olhar. A arte contemporânea implica na liberdade de formas, cores e proporções, se voltando a uma maneira inovadora do olhar, talvez parte dessa dificuldade esteja no período em que as

³ Os termos grifados acima estão destacados para representar possíveis falas de uma apreciação estética.

imagens que nos são postas no cotidiano pela mídia geralmente são de certa forma imagens de origem fotográfica as quais, muitas vezes, são óbvias ao primeiro olhar, possibilitando talvez uma maior possibilidade de interpretação imediata.

Para podermos realmente manter uma ação de fruição com a arte, me direciono aqui principalmente as manifestações contemporâneas, pois muitas vezes têm preocupantemente sua abordagem bloqueada pelo preconceito até mesmo de professores de arte. Devemos levar em conta que só podemos interpretar algo que para nós seja curioso, não existe possibilidade de interpretação se antes mesmo de pensar se faça uma ligação pré-estabelecida, que amarra a possibilidade de olhar o desconhecido, caindo assim nas amarras do velho convencionalismo.

3 CULTURA VISUAL

As pessoas analfabetas do século XXI serão aquelas que não saibam construir narrativas com imagens.

Bigas Luna - Diretor de cinema

A cultura visual, também chamada de estudos visuais, é um campo de estudos referente à construção do visual na arte, nas mídias e na vida cotidiana. Tem a imagem como objeto central é por meio dela que são produzidos significados em contextos culturais. Os estudos referentes à cultura visual têm como investigação a análise da cultura contemporânea cuja é dominada por imagens. Esses estudos implicam nas diferentes formas de olhar a vida, como são construídos os signos e como os mesmos são significados por nós.

A expressão cultura visual refere-se a uma diversidade de práticas e interpretações críticas em torno das relações entre as posições subjetivas e as práticas culturais e sociais do olhar. (...) do movimento cultural que orienta a reflexão e as práticas relacionadas a maneiras de ver e de visualizar as representações culturais e, em particular, refiro-me às maneiras subjetivas e intrasubjetivas de ver o mundo e a si mesmo. (HERNÁNDEZ, 2007, p.22.)

A cultura visual tem um grande desafio, o qual segundo Hernández é de adquirir um “alfabetismo visual crítico” (HERNÁNDEZ, 2007, p.24) permitindo a análise e a interpretação da multiplicidade de textos existentes na contemporaneidade, como textos visuais, auditivos, corporais... Segundo Hernández, a compreensão desses textos é tão importante quanto a escrita ou a leitura formal. São textos que estão postos para serem lidos e compreendidos da mesma maneira que um texto escrito. Nessa perspectiva surge então a necessidade de uma educação para as diversas formas de comunicação.

Se não se ensina aos estudantes a linguagem do som e das imagens, não deveriam ser eles considerados analfabetos da mesma maneira como se saíssem da universidade sem saber ler ou escrever? Devemos aceitar o fato de que aprender a se comunicar com gráficos, música, cinema é tão importante como comunicar-se com palavras. Compreender suas regras é tão importante como fazer com que uma frase funcione. Estou falando sobre aprender a gramática, mas também sobre aprender como expressar-se. (LUCAS *apud* HERNÁNDEZ, 2007, p.27)

O mundo está sempre em constante transformação. Essas transformações influenciam em nosso conhecimento e dessa forma nas práticas de aprendizagem. Vivemos atualmente um novo regime da visualidade. A imagem está posta, é preciso entendê-la, fruí-la. Toda forma de leitura está ligada a existência de um leitor, de um código/objeto e de um autor. Na arte podemos dizer que essa leitura é feita através de linhas, cores, expressões, formas, sons, texturas e muito mais, uma vez que a mestiçagem⁴ de linguagens se torna presente também se apropriando cada vez mais de materiais inusitados.

Ao ler estamos entrelaçando informações do objeto, suas características formais, cromáticas, topológicas; e informações do leitor, seu conhecimento acerca do objeto, suas inferências, sua imaginação. Assim a leitura depende do que está em frente e atrás dos nossos olhos. (PILLAR, 2001.p.12).

A interpretação da leitura está intimamente ligada ao contexto do observador, afinal quanto maior sua bagagem cultural, maiores são as possibilidades de significação, ampliando sua possibilidade de relação/compreensão do que é visto. A partir do século XX, a arte teve uma grande mudança em seus conceitos “podendo ser caracterizada como um período em que esforços foram intensificados quantitativa e qualitativamente no sentido de reconciliar arte e vida.” (MARTINS, 2008, p.28).

Os estudos sobre cultura visual surgem no momento em que a arte necessita de um novo olhar para ser compreendida. Ela não mais está longe de nós e se faz presente cada vez mais em nossas vidas. É impossível pensarmos em arte sem pensarmos em vida.

A arte então muda seu conceito, aproximando-se cada vez mais de nosso cotidiano, de nossas vidas. Os artistas começaram a pensar arte num contexto social.

Os anos 60 são referência temporal porque ficaram marcados pela fermentação e geração de idéias que se tornaram decisivas para as mudanças que ocorreram na segunda metade do século. É uma década com uma grande variedade de movimentos – arte *pop*, arte conceitual, *performance*, instalações, arte ambiental, etc. Durante essa década se intensificou abertamente a resistência às polaridades do sistema das belas artes buscando manter e até mesmo aprofundar a relação arte e vida (MARTINS 2008, p.28)

⁴ Segundo Cattani (2007, p.25), no momento contemporâneo, constata-se que a arte é campo de experimentação no qual todos os cruzamentos entre passado e presente, manualidade e tecnologia, materiais, suportes e formas diversas se tornam possíveis.

A partir dessa virada nas artes, o olhar do espectador, agora também intérprete, adquiriu uma dimensão cultural muito grande, pois são inúmeras as maneiras de se olhar. A cultura visual aborda e trata a imagem considerando-a não apenas seus valores estéticos, no entanto, busca principalmente compreender o papel social da imagem na vida da cultura.

Os pintores fazem performance, os performers fazem vídeos musicais, os artistas de vídeo reciclam trechos de filmes, os cineastas utilizam gráficos realizados em computador que depois são adaptados a publicidade, e os publicitários se apropriam de pinturas. (...) Vemos artes visuais na NASA e na Disneylândia, assim como no Louvre, e elas estão conectadas a diversas outras formas artísticas. Mediante conexões visuais, estas artes passam a fazer parte da cultura visual... (FREEDMAN 2006, p. 42 apud MARTINS, 2006, p.70).

A arte contemporânea se caracteriza por seu amplo campo de interpretações e relações, está presente em tudo, provando cada vez mais em suas manifestações a relação arte/vida, aproximando-a cada vez mais do cotidiano das pessoas.

A influência das artes visuais agora é tremenda e todo mundo mostra interesse, porque revela aspectos ocultos da sociedade e expõe o mundo tal qual ele é: comentários sobre o mundo real, sobre os meios, os pobres, a rua, a musica, as drogas... (HERNÁNDEZ, 2007, p.35)

A arte e as imagens nos ligam a contextos culturais, religiosos, políticos, sociais, sendo elas formas ideológicas ao nosso modo de pensar. Imagem e significado estão sujeitas as condições ligadas ao modo como uma ideia, objeto ou pessoa se dispõe ou se localiza num ambiente ou situação. Os significados dependem da situação ou contexto no qual os vivenciamos.

Imagens se comportam como membranas que se desprendem da matéria, de superfícies, objetos e estruturas. Elas nos intrigam e questionam porque nos interpelam. Visualizadas, imagens podem ser deslocadas de maneira volátil e, ao penetrarem a mente, criam pegadas simbólicas. Elas se diferenciam dos produtos artísticos porque percorrem o espaço com desenvoltura e mobilidade, mas sem ocupá-lo. Sugerem e oferecem conexões rizomáticas que articulam a dissolução de espaços "originários" e de identidades "autênticas", noções herdadas da modernidade com a pretensão de carregar verdades insondáveis sobre arte, ciência, história, realidade, etc. (DELEUZE e GUATTARI apud MARTINS 2008, p.32).

A cultura visual visa a importância e a necessidade de uma reavaliação de posições teóricas e estéticas que permitam rever a indissociação histórica da arte/cultura visual. Nas aulas de arte é evidente a necessidade de uma alfabetização do olhar. O caráter classicista da arte parece estar ainda impregnado nos jovens,

eles possuem certa dificuldade de interpretação dos objetos/linguagens da arte por pensarem na arte ainda como algo longínquo que não faz parte da vida deles “Rever esta relação pressupõe a possibilidade de abrir mão de categorias e hierarquizações que dominaram as práticas visuais e se estabeleceram de modo hegemônico durante o século XX”. (MARTINS, 2008, p.33).

A cultura visual tem como antecedentes críticos nos Estados Unidos quatro arte educadores, Vincent Lanier, June King McFee, Laura Chapman e Brent e Marjory Wilson. Estes quatro educadores desafiaram o pensamento defasado da arte ao propor que a cultura popular não fosse deixada de lado.

Cada um deles desafiou professores a reconsiderarem suas presunções básicas sobre arte, infância e cultura, articulou a necessidade de sermos mais inclusivos e democráticos através de intervenções e reformas pedagógicas. Todos concordaram com a necessidade de romper a estabilidade confortável de ignorar a cultura popular nas aulas de arte. (TAVIN, 2008 p.11)

Ao final dos anos 50, Vincent Larnier foi um dos pioneiros do pensamento de arte para mudança social, incluindo a cultura popular na educação das artes, ele defendia que arte educadores “deveriam se deslocar para além das estreitas fronteiras da ‘arte erudita’ e da produção artística em busca do pensamento crítico e de uma compreensão cultural” (TAVIN, 2008, p.12).

Larnier propunha o estudo da cultura visual para o desenvolvimento de uma consciência crítica, onde os estudantes construíssem essa consciência, que as aulas de arte abordassem as questões sociais, a vida cotidiana.

Ao escolher estudar [formas da cultura popular] que lidam com questões sociais controversas e ao encorajar os educandos a explorarem tais questões ao fazerem [seus próprios trabalhos], o professor de arte estará tornando a sala de aula relevante para a vida dos estudantes (LARNIER 1969, p.316 *apud* TAVIN, 2008, p.13).

A arte educadora June King McFee também defendia a arte como parte da vida. Enfatizava as afinidades entre decisões econômicas, políticas e estéticas em relação à cultura popular e ao meio-ambiente, McFee desafiava os arte educadores a ensinar “habilidades e aptidões necessárias para a solução de problemas, habilidade política para mudar as leis, uma consciência crítica do design e sensibilidade às mensagens de objetos de design” (MCFEE 1978 *apud* TAVIN, 2008, p.15).

Laura Chapman por mais de trinta e cinco anos tem sido consistente na busca de uma educação para democracia levantando muitas questões acerca do ensino da arte. Em 1967, Chapman argumentava sobre como seria o futuro da arte se não houvesse uma mudança em sua interpretação e sua audiência “corremos o risco de sermos seduzidos pelo eco de nossas próprias vozes em um teatro sem audiência” (CHAPMAN 1967, p.20 apud TAVIN, 2008, p. 15). Ela explorou o papel da cultura popular na contemporaneidade questionando também o esquema de classificação das obras de arte em geral.

Brent e Marjory Wilson realizaram pesquisas sobre influências culturais populares na arte infantil, colaborando muito para os estudos em cultura visual a partir de suas descobertas criaram:

Teorias de desenvolvimento da arte infantil mais complexas, contextuais, históricas e influenciadas culturalmente – inclusive compreendendo a influência da cultura popular(...)apresentaram um diversificado conjunto de ferramentas para uso de futuros arte educadores através do projeto da cultura visual(TAVIN, 2008, p.18)

As contribuições desses arte-educadores são muito importantes na trajetória da cultura visual. Seus trabalhos coletivamente introduziram as imagens da cultura popular como objetos legítimos de estudo na arte educação dos Estados Unidos, e muito ou quase tudo o que se fala hoje em cultura visual baseia-se em suas concepções.

A cultura visual assume que a percepção é uma interpretação e, portanto, uma prática de produção de significado que depende do ponto de vista do observador/espectador em termos de classe, gênero, etnia, crença, informação e experiência sociocultural. Assim, os objetos de estudo e produção incluem não apenas materiais visuais tangíveis, palpáveis, mas, também, modos de ver, sentir e imaginar através dos quais os artefatos visuais são usados e entendidos. (TOURINHO, 2011, p. 06)

É notável nas aulas de arte a necessidade em se buscar a compreensão do objeto/linguagem da arte, pois “testemunhamos hoje uma forte tendência de associar o Ensino da Arte com a cultura visual” (BARBOSA, 2003, p. 09) Acredito que esta experiência se concretize nas aulas de apreciação estética mediada, onde os educandos podem realmente manter um contato com a obra proporcionando assim um momento de fruição da mesma.

Hoje, mais do que nunca, através da tecnologia esta abordagem se torna mais prática em vista do passado onde havia somente livros e imagens impressas,

com ajuda de data-show, laboratórios de informática ou até mesmo aparelhos de DVD podemos mostrar imagens aos educandos e aproximá-los do objeto de arte.

O ensino da arte na perspectiva da cultura visual, deve ser abordado na base da significação e da compreensão do objeto/linguagem da arte, tendo como centro a compreensão da arte e os motivos de ela existir, sua trajetória, seu contexto na história. Entretanto é necessário provocar nosso educando, despertando sua curiosidade em relação ao objeto/linguagem da arte, isso torna-se possível através da mediação deste processo a qual tratarei no capítulo seguinte.

4 MEDIAÇÃO

A reflexão do olhar é o espelho; a da alma, a Natureza; e a da Natureza, as artes. Essas reflexões são possíveis porque mundo, homem e arte são feitos do mesmo estofado, dos quatro elementos (terra, água, ar e fogo ou suas qualidades, seco, úmido, frio e quente) e dos quatro humores (sangue, fleugma, bílis amarela e bílis negra), a relação sendo especular e especulativa, porque **tudo participa em tudo e tudo se relaciona com tudo**⁵, segundo as leis necessárias da simpatia e da antipatia. Matéria, alma do mundo, espírito do mundo, firmamento e divindade estão intrinsecamente vinculados, pois **vincular é o ato primordial de cada ser, e cada ação, a magia, as artes, a memória e a ciência não são senão o poder para fazer vínculos**.⁶ "Não divaguemos fora do espelho, não saiamos do espelho." A alma especula com os olhos, entoa Leonardo.

Marilena Chaui (1998)

Aproximação, reflexão, ampliação, provocação, experiência, são algumas das palavras com as quais podemos designar alguns dos objetivos da mediação.

No processo de aprendizagem em arte, a mediação busca estimular o olhar do espectador diante de um objeto/linguagem, buscando despertar a vontade de relação, de posse, ampliando as possibilidades interpretativas, expandindo assim seu repertório cultural em um verdadeiro momento de fruição.

O conceito de educação como mediação vem sendo construído ao longo dos séculos. Sócrates falava da educação como parturição das ideias. Podemos, por aproximação, dizer que o professor assistia, mediava o parto. Rousseau, John Dewey, Vygotsky e muitos outros atribuíam à natureza, ao sujeito ou ao grupo social o encargo da aprendizagem, funcionando o professor como organizador, estimulador, questionador, aglutinador. O professor mediador é tudo isso. (BARBOSA; COUTINHO, 2009, p.13)

A mediação busca o olhar além do ver. Tem como pressuposto fazer conexões e significações na relação objeto/espectador. É uma via de mão dupla, onde um se completa no outro.

Para que a educação aconteça, é necessário que as informações e conhecimentos façam sentido tanto para quem os transmite quanto para quem os recebe, assim o papel do professor mediador torna-se fundamental para uma aprendizagem em arte significativa.

Há urgência em expandirmos nossa compreensão sobre a arte como uma linguagem expressiva, multicultural, explorando novas tecnologias e sendo

⁵ Grifo meu.

⁶ Grifo meu.

capaz de registrar poeticamente nosso modo de ver e estar no mundo. O universo da arte contemporânea não apresenta fronteiras, nem territórios delimitados. Precisamos buscar ações educativas que possibilitem ressignificar poeticamente a cultura visual de hoje, de outras épocas, outros tempos. Assim ampliamos conhecimento. (MARTINS, 2005, p. 45)

O professor deve buscar ampliar ao máximo as possibilidades de interpretação/compreensão da arte do educando. Para Martins (2005, p.54) “mediar é estar entre”, é um estar ativo, flexível e propositor que está entre interlocutores, obras, conexões, artistas, curadores, mídia, mercado. É um estar entre nossa bagagem cultural e a do outro, estando assim entre muitos “além de todos que estão conosco como fruidores, assim como nós mediadores, também repletos de outros dentro de nós, com vozes internas que fazem parte de nosso repertório pessoal e cultural.” (MARTINS, 2005, p. 55).

Para que os espectadores compreendam e estabeleçam identidades com os objetos/linguagens da arte produzidos historicamente, existe a necessidade de ampliação do repertório por meio da construção de sentidos e relações entre o presente, o passado e vice-versa. São as provocações do mediador ao espectador que despertam a sensibilização estética e cultural. É um entrelaçamento de sensibilidades o qual:

O papel do mediador é importante para criação de situações onde o encontro com a arte, como objeto de conhecimento, possa ampliar a leitura e a compreensão do mundo e da cultura. Capaz também de abrir diálogos internos, enriquecidos pela socialização dos saberes e das perspectivas pessoais e culturais de cada produtor/fruidor/aprendiz. (MARTINS, 2005, p. 17)

No mundo contemporâneo uma imensa quantidade de imagens e informações muitas vezes não é compreendida pelo público. Apenas um pequeno percentual de pessoas compreende realmente o que olham.

Essas reflexões partem de minha experiência com o estágio obrigatório quando propus um projeto de ensino sobre apreciação estética no primeiro ano do ensino médio. Observei inúmeras vezes a dificuldade dos alunos em envolver-se com a arte, isso ficou explícito em suas falas e olhares.

Ao pedir para o educando contextualizar sua produção, falar sobre ela vem a resposta: “ai professora! Que difícil, eu fiz porque tinha que fazer.”⁷ Essa fala deixa clara a necessidade da compreensão da arte para o próprio processo de criação do educando.

O mediador não só apresenta um determinado conteúdo, mas estimula seu valor significativo, ajustando-o a cada turma, “tramando” com eles, respostas produtivas e significantes. Assim, o grupo – seja uma classe na escola, seja um grupo de visita a uma exposição – estará efetivamente participando de seu processo educativo, ampliando substancialmente sua posição de “depositários” de conhecimentos e informações. (CHIOVATTO, 2000)⁸

A arte por suas múltiplas conexões sensoriais e comunicativas, não pode ser fruída com um rápido e superficial olhar, que será refletido nas produções muitas vezes insignificantes e ineficazes, onde nem ao mesmo o educando sabe o que fez.

Acredito que o processo de mediação contribui para essa compreensão, buscando ampliar o olhar, ajudando muitas vezes o espectador a desprender-se dos pré-julgamentos que estão nele impregnados impedindo-o de ir além do óbvio, do que está posto explicitamente.

A mediação busca despertar o sentido da arte dentro das pessoas. Assim, o mediador é um estimulador/catalisador do pensamento em busca de significados.

Muitas vezes acontece o chamado ver/não ver, onde nosso olhar está presente superficialmente. Acredito que o mediador tem o papel de nos encaminhar para o caminho das descobertas, de nos despertar quando nosso olhar parece não poder mais ir além.

O exercício do olhar é um exercício contínuo que só nos enriquece. Podem-se passar anos e ao olharmos uma mesma imagem a sensação daquele momento volta à tona, porém acrescida e engrandecida pelo tempo, pelas nossas experiências. O ato de olhar contém elementos estéticos que ultrapassam o tempo e o espaço, Martins, Picosque e Guerra (1998, p. 61) enfatizam essa questão, ao dizerem que:

⁷ A expressão acima aparece destacada para exemplificar falas ouvidas durante a realização do projeto de estágio obrigatório no Ensino Médio em 2012, 7ª fase do curso de Artes Visuais.

⁸ CHIOVATTO, Mila Milene. **O Professor mediador (artigo)**. Disponível: <www.artenaescola.org.br/pesquisa_artigos_texto.php?id_m=13>. Acesso em 09 de outubro de 2012.

A verdade é que a arte não envelhece porque o ser humano que a contempla é sempre novo, ou terá um olhar outro e estará realizando uma infinidade de leituras porque infinita é a capacidade do homem de perceber, sentir, pensar, imaginar, emocionar-se e construir significações diante das formas artísticas.

As produções contemporâneas abordam assuntos políticos, sociais, estéticos, éticos e filosóficos, despertando novas possibilidades de se perceber em um mundo que permanece em constante transformação. É por produzir incômodos e encantamentos, que revitalizam as nossas vivências, que a arte se mostra mais significativa em nossas vidas, fazendo-nos perceber que tudo está conexo. Sendo que “o educador é um mediador entre a arte e o aprendiz, promovendo entre eles um encontro rico, instigante e sensível” (MARTINS; PICOSQUE; GUERRA, 1998, p.141)

O professor mediador busca despertar a possibilidade de conectar todas as coisas que estão ao nosso redor, despertando a percepção que tudo está interligado, explorando assim nosso próprio universo, percebendo que a arte é uma maneira de manifestar-se diante do mundo, sendo que para compreendê-la é necessário fazer estes atrelamentos.

5 FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE ARTE

O professor é um catalisador que cuida para que cada estudante esteja cada vez mais conectado, para que seja, cada vez mais, um participante ativo nessa relação que visa a aprendizagem. Neste sentido, o professor é mais um “DJ” do que um diretor de orquestra.

Fernando Hernández(2007)

O professor de arte faz parte de um processo transformador no qual busca juntamente aos educandos a qualificação da sensibilidade e de seus saberes práticos e teóricos em arte. O professor deve optar por uma postura comprometida e em formação permanente acompanhando a constante mudança da arte e sua diversidade de possibilidades.

Escutas sobre a formação de professores no cenário brasileiro não são tão recentes. Desde a década de 1980, ela tornou-se uma das questões centrais do campo educacional, embora ainda nos dias atuais sua função na escola não seja percebida com o valor que lhe é devido.

Em minha experiência como aluna e como professora de arte, contratada há mais de cinco anos, pude perceber a desvalorização da disciplina de arte por vários sujeitos pertencentes ao grupo que constitui uma escola, como alunos, pais, professores de outras áreas, e equipe diretiva. Essa desvalorização é pertinente, pois não se restringe apenas a um local, a uma escola, sendo que neste período morei em cidades diferentes atuando em escolas municipais e estaduais, e pude perceber constantemente a falta de valorização na maioria destes estabelecimentos.

O ensino tradicional da arte pregado no século XX ainda está impregnado na prática de muitos professores e gestores na contemporaneidade. Não é raro o professor de arte ser confundido com o papel de decorador de eventos e datas comemorativas, sendo o primeiro a ser lembrado nesse tipo de atividade. O fato é que há uma necessidade urgente em se mudar essa concepção e cabe aos professores de arte a procura por esta mudança.

O professor é agente de formação de outros sujeitos, e por isso deve comprometer-se com sua profissão, buscando sempre superar os desafios encontrados.

A linha de autores como Efland, Barbosa e Jagodzinski colocam que tudo o que é produzido em arte educação hoje é contemporâneo, no entanto assumimos ou não no ensino da arte uma postura contemporânea:

Uma educação pós-moderna enfatiza a habilidade de interpretar obras de arte sobre o aspecto de seu conceito social e cultural como principal resultado da instrução. Isso é válido não apenas para supostamente séria, a arte erudita, mas também para as tendências e impactos da cultura popular cotidiana. (EFLAND apud PILLOTTO, 2008, p.35)

A arte está muito próxima da vida das pessoas e há uma necessidade de contextualização de caráter social e cultural, onde nesse processo professor e educando se encontram no mesmo universo em uma troca constante de aprendizagem, pois aprendemos enquanto ensinamos, e vice-versa, vivenciamos a todo tempo essa troca de saberes.

Os professores muitas vezes parecem assustados quanto ao ensino da arte contemporânea na escola, entretanto, se continuar a ser negligenciada sua abordagem somente uma parte restrita de espectadores a compreenderão e a maioria das pessoas ficará impossibilitada de compreendê-la. Para isso se torna necessária a familiarização deste professor com a arte e a arte contemporânea através da visita de exposições, pesquisa e vivência com arte, se permitindo uma nova experiência, novo olhar, um aceitar da relação arte/vida.

O ensino contemporâneo da arte reconhece a importância das tradições populares, fazendo um processo dialógico entre presente-passado-presente, não existindo linearidade nessa dinâmica, pois segundo Pillotto, (2008, p. 37) “o aprendizado se constitui em real significado quando delegamos esforços na construção reflexiva do conhecimento”. A arte na educação deve:

Reconhecer a globalização das aparições humanas universais democráticas de justiça, igualdade, liberdade e independência para todos, isto é, uma cidadania planetária na qual o imperialismo, nas suas formas pós-coloniais, o patriarcado, os problemas ecológicos, as distinções de classe forjadas pelo capitalismo transnacional e os direitos de preferências sexuais permaneçam em evidência na pauta educacional. (JAGODZINSKI, 2005 apud PILLOTTO, 2008, p. 37)

O ensino da arte na contemporaneidade se caracteriza pela necessidade da aprendizagem voltada para leitura, significação e interpretação do mundo que nos cerca por meio da visualidade, possibilitando assim a leitura crítica do cotidiano, transformando a consciência de mundo e de si mesmo.

O sentido e a significação que as pessoas dão aos objetos, situações e relações, passam pela impressão que tem de mundo, do seu contexto histórico e cultural, dos afetos, das relações inter e intrapessoais. Na apropriação de elementos de seu entorno o fazem a partir de seus próprios referenciais. Desta forma, o mesmo objeto ou a mesma situação são muitas

vezes compreendidos por elas de maneiras totalmente diferenciadas. São as possibilidades de leitura sígnicas que estão em processo latente. (PILLOTTO, 2008, p.43)

Quanto mais proporcionamos ao educando oportunidades de ressignificação por meio de objetos/linguagens de arte, maior poder de percepção sensível, memória significativa e imaginação criadora ele terá, logo, é de suma importância que o professor proporcione momentos prazerosos e significativos onde os educandos interajam no aprendizado, se sentido atraídos por ele.

Pelo poder de síntese da linguagem da arte, nossa sensibilidade capta uma forma de sentimento que nos nutre simbolicamente, ampliando nosso repertório de significações. Adquirimos um conhecimento daquilo que ainda não sabíamos e, por isso mesmo, transformamos nossa relação sensível com o mundo e as coisas do mundo. (MARTINS; PICOSQUE; GUERRA, 1998, p. 46)

O professor deve buscar propor ações voltadas ao interesse dos alunos, que permitam a surpresa, a descoberta do inesperado, abordando o que realmente para eles é importante, refletindo assim em uma aprendizagem eficaz e realmente transformadora. A arte educação busca o olhar-se e o olhar o outro, o perceber-se e o perceber o outro, o professor exerce papel de mediador desse processo.

Para que o professor oportunize tais experiências e vivências é necessário que ele nutra seu conhecimento diariamente, educando-se esteticamente e experienciando as linguagens da arte.

O oferecimento de cursos de formação aos professores é assegurado pela lei 12.056 de 2009 a qual acrescenta parágrafos ao art. 62 da Lei nº 9.394 “§ 1º A União, o Distrito Federal, os Estados e os Municípios, em regime de colaboração, deverão promover a formação inicial, a continuada e a capacitação dos profissionais de magistério”⁹.

A formação continuada deve acontecer através de cursos de aperfeiçoamento constante, pois a formação visa:

[...] ampliar olhares, escutas e movimentos sensíveis, despertar linguagens adormecidas, acionar esferas diferenciadas de conhecimento, mexer com o corpo e alma, diluindo falsas dicotomias entre corpo e mente, ciência e arte, afetividade e cognição, realidade e fantasia. (OSTETTO, 2004, p. 12)

O professor deve ter plena consciência do caminho que decidiu tomar, estando ciente de sua importância na vida de seus educandos.

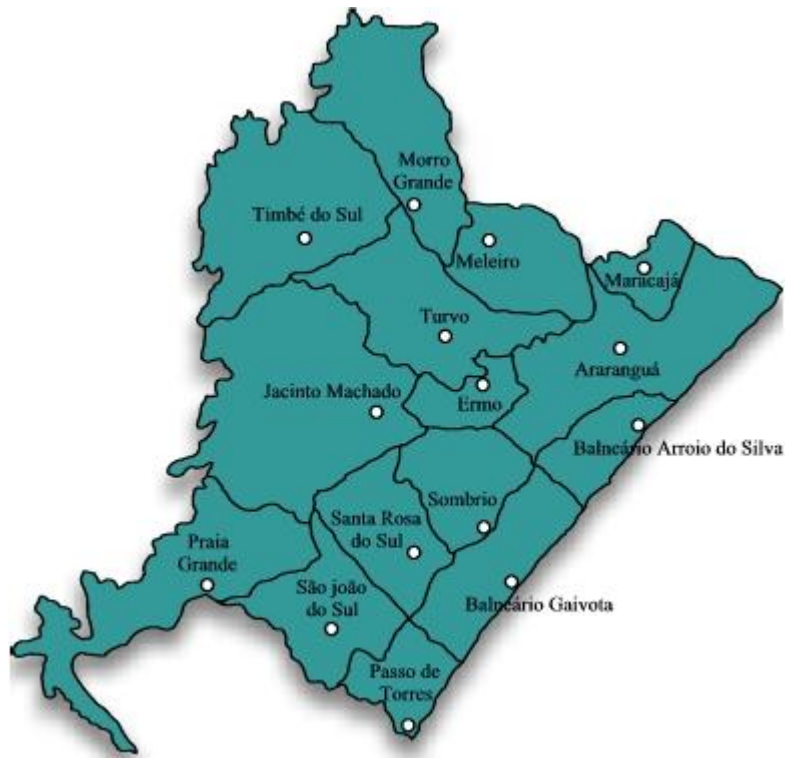
⁹ Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L12056.htm. Acesso em 18/10/12.

6 ANÁLISE DE DADOS

Minha análise contou com as contribuições de quatro professoras da rede estadual de ensino da região da AMESC (Associação dos Municípios do Extremo Sul Catarinense) (Figura 1). Todas atuam do ensino fundamental ao ensino médio e são habilitadas na área de arte.

A coleta de dados encontrou alguns percalços. Inicialmente optei por enviar os questionários à GERED (Gerência Estadual de Educação) da AMESC, que enquanto articuladora da educação poderia aproximar os professores das necessidades sinalizadas em minha pesquisa. Com a morosidade da resposta optei a partir da secretaria da escola em que trabalho enviar questionários a outras unidades. O documento foi enviado por email e novamente não tive respostas. A maneira que encontrei para coletar os dados da pesquisa foi falar pessoalmente com os professores que atuam na região. Destes, estabeleci contato com seis e tive retorno de quatro questionários, base para minha análise.

Figura 1– Mapa região da AMESC



Fonte: PBDEE-AMESC

Fazem parte da AMESC os municípios localizados no extremo sul catarinense, ao total são quinze municípios compreendendo aproximadamente 40 escolas, sob responsabilidade do governo estadual¹⁰.

As respostas coletadas contribuem para as reflexões dessa pesquisa. Nesse sentido proponho um olhar imparcial a fim de não comprometer os dados obtidos da pesquisa. Visando preservar a identidade dos professores, os identifico na análise como: Maria, Paula, Eduarda e Ana. O questionário é composto por oito perguntas abertas

Ana tem trinta e cinco anos, é licenciada em arte há sete anos e leciona em uma escola estadual na cidade de Sombrio/SC. Maria tem sessenta e quatro anos, é licenciada em artes há trinta e cinco. Já é aposentada, mas trabalha em uma escola estadual na cidade de Praia Grande/SC como contratada. Paula tem trinta anos e é licenciada há quatro, leciona em uma escola estadual em Praia Grande/SC. Eduarda tem quarenta anos e é licenciada há oito e atua em uma escola de Sombrio.

Quando questionadas sobre a participação em formações continuadas Ana, Paula e Maria responderam que participam anualmente. Eduarda diz *“que não são disponibilizados cursos na área de artes gratuitos para os professores de arte”* esta professora coloca em evidência a falta de cursos de formação na sua área ou oferecidos pela Gered, indo contra o artigo 62 da LDB “§ 1º A União, o Distrito Federal, os Estados e os Municípios, em regime de colaboração, deverão promover a formação inicial, a continuada e a capacitação dos profissionais de magistério”.¹¹

É fundamental a existência de políticas públicas com investimento em educação, saúde, lazer e demais áreas. Os cursos de formação continuada são fundamentais e o professor também deve buscar sua formação contínua.

Seguindo a análise, questiono sobre a importância do ensino de arte no currículo escolar, propondo a seguinte pergunta: Para você qual a importância da disciplina de arte no currículo escolar?

Todas as participantes concordam que a arte tem grande importância no currículo escolar, Eduarda acrescenta *“ela trabalha com toda plenitude, contextos*

¹⁰ Dados retirados do site da Secretaria da Educação de Santa Catarina. Disponível em: <<http://serieweb.sed.sc.gov.br/cadueportal.aspx>>. Acesso em: 30 de outubro de 2012.

¹¹ Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em 20 de outubro de 2012.

sociais, valores, criticidade, análise, fatos, experimentações diversas, reflexões, atitudes, criatividade e habilidades”.

A partir dessas colocações remeto-me aos Parâmetros Curriculares Nacionais em Arte, quando afirmam,

A educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética, que caracterizam um modo próprio de ordenar e dar sentido à experiência humana: o aluno desenvolve sua sensibilidade, percepção e imaginação, tanto ao realizar formas artísticas quanto na ação de apreciar de conhecer as formas produzidas por ele e pelos colegas, pela natureza e nas diferentes culturas. (BRASIL, 1997, p.19)

A arte é tão importante quanto as demais áreas do conhecimento. Possibilita a ampliação do olhar, desenvolve nossa imaginação, aguça nossa capacidade criadora, nos possibilita conhecer a diversidade cultural, permite conhecer-se e perceber-se no mundo como produto da cultura e produtor dela, assim colaborando para a formação de sujeito, ativo e participativo na sociedade.

Tendo como foco da pesquisa a abordagem da apreciação estética e da cultura visual a pergunta seguinte propôs: O que você entende por apreciação estética?

Todas as professoras entrevistadas mostraram entender o que é uma apreciação estética argumentando as respostas, entretanto Ana destaca que é a “*contemplação visual do todo*”. Ana não atinge a objetividade em sua resposta, deixando um tanto confusa sua compreensão.

Recorro a Rossi (2005, p.02):

A abordagem contemporânea em crítica estética desloca a ênfase da percepção para a interpretação. Se acreditarmos que a arte/educação é formada e modelada pelo mundo da arte, como diz Wilson (1989), a ênfase na leitura estética visual deve estar na experiência do aluno-leitor com o objeto de arte (ou a imagem) e em estratégias interpretativas. Parsons (1998a) alerta que não é mais relevante saber como as crianças percebem as qualidades estéticas, o estilo, as linhas ou como elas reagem às cores. Precisamos perguntar não como as crianças vêem as coisas, mas qual o significado que atribuem a elas. Quais são as capacidades interpretativas que elas têm e como elas compreendem arte. É pertinente, então, que se pense em como mudar de um enfoque modernista (formalista) para um enfoque interpretativo, que dê conta das exigências do ensino contemporâneo de artes.

De acordo com a autora, o ensino contemporâneo da arte deve manter um posicionamento interpretativo. O ápice da apreciação é o momento em que o

espectador dialoga com o objeto de arte interpretando-o, envolvendo-se com ele, emaranhando-se em seus significados, mergulhando assim num jogo de sentidos.

Dando sequência à análise, a próxima pergunta relacionou a apreciação estética e a sua importância na aula de arte. Todas as professoras relataram que a apreciação estética é fundamental na aula de arte, mas deixam lacunas em seus relatos, como Eduarda que aponta “*a mais importante delas é sem dúvida aprender a respeitar as diferenças.*” Nessa resposta a professora parece realmente não saber quais as possibilidades e objetivos de uma apreciação estética. Sem dúvida aprender a respeitar as diferenças é importante, mas trata-se de valores, inerentes a qualquer área do conhecimento humano. No entanto é fundamental reconhecer as competências e habilidades da disciplina de arte na formação de nossos alunos, nesse aspecto versando sobre apreciação estética:

Nossa visão não é ingênua, ela está comprometida com nosso passado, com nossas experiências, com nossa época e lugar, com nossos referenciais. Desse modo, não há o dado absoluto, a verdade, mas múltiplas formas de olhar uma mesma situação. (PILLAR, 2003, p. 74).

Nesta etapa da entrevista as questões são direcionadas ao problema central de estudo. Investigo como são realizados estes momentos de mediação e pergunto: Você realiza frequentemente aulas de apreciação estética? Se sim, como realiza o processo de mediação com seus alunos?

Penso que este momento da análise foi o mais interessante, três das professoras responderam que sim. Realizam frequentes aulas de apreciação estética, mas tomam caminhos adversos na forma de encaminharem esse conceito em sala de aula. Ana foi a única a dizer não trabalhar apreciação estética, mas mantém preocupação com a mesma. Justifica que por trabalhar com ensino médio foca em práticas relacionadas a teoria da arte.

Acredito que a apreciação estética não tenha faixa etária a ser oportunizada, ela deve estar presente num processo contínuo. Araújo (2007, p.13) aponta:

Muitas vezes um real e significativo processo de ensino/aprendizagem em artes pode se aprofundar na experiência do sensível, mas esta experiência não é o bastante para sustentá-lo. Como também só conhecimento formal e conceitual dos princípios da arte, sem a experiência sensível, não seriam o bastante. Fundamental é que a arte nos toque para que ela faça parte se faça presente de forma viva e atuante no nosso ser. (ARAÚJO, 2007, p.13)

Maria ao se referir em seu processo de mediação com seus alunos argumenta: “*sim, videografia, mediação, tramas, produção e apropriação de ensinar e aprender*”. Paula em suas apreciações estéticas “*apresenta a imagem do artista, conta sua história, fala de suas técnicas, suas obras e sua forma de ver o mundo. Após, peço a opinião dos meus alunos, colocando assim o que entenderam, relacionando com seus conhecimentos.*” Paula e Maria parecem abordar apenas imagens visuais com seus alunos, opondo-se ao ensino de arte contemporânea, o qual se defronta com o hibridismo, exploração e apreciação de diferentes objetos/linguagens da arte.

Vive-se em um mundo povoado por imagens, as quais não se restringem às pertencentes ao sistema visual. Isto porque como imagens podem se aceitar as construções formais pertencentes a outros sistemas, o que é defendido por SANTAELLA (1993), entre outros teóricos. Com base em um estudo de S. M. Kosslyn, diz a autora: “imagem é um tipo especial de representação (quase pictórica) que descreve a informação e ocorre num meio espacial.” Segundo ela, “o fato do tipo especial de representação ser quase e não inteiramente pictórica salva a definição do exclusivismo de se conceber a imagem como um processo estritamente visual, pois há imagens sonoras, auditivas, assim como há imagens puramente táteis”.(OLIVEIRA)¹²

De acordo com os autores acima citados, a imagem vai além do sistema visual, existindo diversos tipos de imagens, assim quando coloco o termo imagem na pesquisa refiro-me a este amplo leque de possibilidades, onde não há restrição dos outros sentidos. A arte contemporânea vive essa mestiçagem e isso também modifica o sentido de imagem, tornando-a algo plural. Quando a professora diz “*apresenta a imagem do artista*” ela nos leva a impressão de ser uma imagem visual, levando a pensar que apreciação estética é feita somente com imagens visuais.

Eduarda explica de uma maneira mais esclarecedora como realiza a mediação em suas aulas: “*trabalho com o ensino médio, e procuro buscar na música, moda e acessórios, meios para começarmos a dialogar sobre as diferenças de gosto, pois na faixa etária deles este meio tem uma importância muito forte. Sendo assim, eles começam a analisar sobre ‘belo e feio’, a partir destes debates e análises parto para o contexto histórico do conteúdo em questão, depois trago imagens e objetos para apreciação com um olhar mais reflexivo e crítico*”. Na fala da professora observa-se uma preocupação em formar o olhar do educando tornando-o

¹² OLIVEIRA, Sandra Ramalho. **O problema da leitura de imagens.** em: <http://www.ceart.udesc.br/Revista_Arte_Online/Volumes/artigosandra.htm>. Acesso em: 21 de outubro de 2012.

mais reflexivo e crítico, e esse é sem dúvida um dos objetivos da apreciação estética.

A admiração pode e deve deflagrar o pensamento, provocar perguntas, sacudir inércias. (...) De fato, o deleite estético pressupõe e provoca inteligência, a memória e imaginação. Não se trata de algo que afete apenas nossos sentidos externos, mas todo nosso corpo, toda nossa interioridade. (PERISSE, 2009, p. 26)

A última pergunta buscou indagar as professoras quanto à cultura visual e sua relação como ensino da arte, pergunto: Você acha que a cultura visual está relacionada com o ensino da arte por quê?

Todas as entrevistadas relacionam a Cultura Visual com o ensino da arte. Ana responde *“estamos vivendo em uma era digital, portanto a era da imagem e o ensino da arte não pode negar isso, arte e cultura visual estabelecem extrema relação.”* Na resposta de Ana pode-se observar que ela percebe a relação da cultura visual e a arte.

Euarda responde: *“... temos sim que alfabetizar para a leitura de imagens, suas codificações e associar ao julgamento da qualidade em que é visto. Para isto a escola pode ser um lugar onde o aluno poderá exercer estes princípios de multiculturalismo.”*

A alternativa seria enfrentar o desafio de ampliar os horizontes da democracia e da cidadania e de construir um mundo menos discriminatório, mais democrático, menos desumanizado e mais justo. Postman (1999) defende com paixão a necessidade de uma nova narrativa para a escola, que leve em conta as prioridades dos alunos e do mundo contemporâneo. (HERNÁNDEZ, 2007, p.38)

Paula responde: *“Sim, pois a base do ensino da arte são as imagens, representadas através dos mais variados meios”.* Paula ao citar o termo imagem cita-o de uma forma ampla que abrange as diferentes possibilidades de imagens, podendo-se observar em sua fala a amplitude que ela dá ao referenciar-se à arte, expandindo a imagem a toda sua heterogeneidade possível.

Diante dos resultados desta análise de dados sugiro um projeto de extensão sobre apreciação estética e cultura visual para os professores da rede estadual de Santa Catarina pertencentes aos municípios da AMESC.

6.1 PROJETO DE CURSO

Título: Ensino da arte: cultura visual e apreciação estética em sala de aula.

Ementa: A cultura visual e o ensino das artes visuais. Narrativas contemporâneas. Apreciação estética como educação/cultura do olhar.

Carga Horária: 20h/a

Público-alvo: Professores de arte da rede estadual dos municípios pertencentes à AMESC.

Justificativa:

O professor é agente de formação de outros sujeitos, mediador no encontro com a arte, deve estar atento as mudanças do ensino, mantendo conhecimento e proximidade com o ensino de arte contemporâneo, de maneira que ensine arte com um caráter sociocultural como forma de construção da realidade:

A função das artes através da história cultural humana foi e continua a ser uma tarefa de “construção da realidade”. As artes constroem representações do mundo real ou sobre mundos imaginários que não estão presentes, mas que podem inspirar os seres humanos à criação de um futuro alternativo para si próprios. Muito do que constitui a realidade está construído socialmente, incluindo coisas como o dinheiro, a propriedade, o matrimônio, os papéis de gênero, os sistemas econômicos, os governos e os males, como a discriminação racial. As construções sociais que encontramos nas artes contêm representações dessas realidades sociais. Portanto, o objetivo de ensinar arte é o de contribuir para a compreensão da paisagem social e cultural da qual faz parte cada indivíduo. (EFLAND, 2004 apud HERNANDEZ, 2007, P. 41)

Com estes pressupostos, proponho um curso de formação continuada que busca ampliar o olhar sensível dos professores de arte da rede estadual de ensino pertencente a região da AMESC e pretende contribuir de maneira significativa na qualificação e aprimoramento da realidade do ensino da arte na escola.

A presente pesquisa mostra a importância da cultura visual no ensino da arte na contemporaneidade, logo, mostra também a necessidade de sensibilização do olhar no mundo contemporâneo. Isso implica nesse projeto:

[...] relacionar o mundo da arte com o imaginário popular com base em um tema ou em um problema comum. Esta vinculação pode ser interessante para os educadores no campo das artes visuais porque lhes permite transitar do conhecido em direção ao desconhecido, e também porque permite construir pontes, em termos de apropriações (procedimento que está no fundamento das práticas artísticas), entre a cultura visual popular e as artes visuais tidas como tradicionais, mas que, em situações de

intertextualidade, produzem novas representações e significados. (HERNÁNDEZ, 2007, P. 53)

É necessário perceber que é importante que as práticas sejam reconstruídas, revisando e substituindo o que já existe de acordo com as necessidades e as finalidades da educação.

O mundo contemporâneo carece de sensibilidade, o homem precisa humanizar-se, sensibilizar o olhar para sensibilizar-se interiormente, eis o olhar janela da alma. A apreciação estética se mostra como articuladora desse processo de sensibilização/ampliação do olhar, uma vez que:

A educação do olhar é um exercício, uma construção na qual a percepção e a sensibilidade estão imbricadas na produção do conhecimento. Tornar visível o que se olha é uma concepção do sensível. Pensar a educação do olhar é posicionar-se e questionar-se diante do processo de aprendizagem, para despertar o caráter, sensitivo, afetivo e sensorial, como uma viagem ao mundo da imaginação e das informações adquiridas. (LEITE; OSTETTO, 2005 p. 85)

Momentos de apreciação estética na aula de arte se fazem relevantes, pois possibilitam aproximar-se da arte, interpretá-la, relacionar-se com ela, afinal é preciso viver a arte. É preciso oferecer aos alunos esta oportunidade de vivência e experiência, em sala de aula. São também nos momentos de apreciação estética que isso ocorre.

Objetivo Geral: Proporcionar aos docentes momentos de interação, vivências e debates sobre apreciação estética e formação do olhar baseados nos conceitos da cultura visual com o intuito de possibilitar novos olhares em práticas pedagógicas relacionadas ao ensino da arte.

Objetivos Específicos:

- ✓ Reconhecer a relação entre cultura visual e ensino da arte
- ✓ Estimular prática da apreciação estética na aula de arte
- ✓ Possibilitar novas visões em práticas pedagógicas relacionadas ao ensino da arte.

Metodologia:

| Encontros | Horário | Carga Horária | Proposições |
|------------------|----------------|----------------------|---|
| 1° | 18h às 22h | 4h/a | O Ensino da arte na contemporaneidade: novos caminhos. Discussão em grupo sobre os novos rumos do ensino da arte, contextualizando com autores como Hernández e Efland. |
| 2° | 18h às 22h | 4h/a | Cultura Visual: fazendo ligações ao ensino da arte. Percebendo a relação arte e cultura visual através de momentos de apreciação estética, relacionando o mundo da arte com o imaginário popular |
| 3° | 18h às 22h | 4h/a | Apreciação estética e mediação na aula de arte: possibilidades em sala de aula Troca de ideias sobre apreciação e mediação em arte através de momentos de apreciação estética. |
| 4° | 18h às 22h | 4h/a | Oficina de fotografia e intervenção, através de trabalhos de alguns artistas selecionados |
| 5° | 18h às 22h | 4h/a | Avaliação do curso e dinâmica de encerramento. |

Referências do projeto:

HERNÁNDEZ, Fernando. **Catadores da Cultura Visual**: transformando fragmentos em nova narrativa educacional. Porto Alegre: Mediação, 2007.

OSTETTO, Luciana Esmeralda; LEITE, Maria Isabel (orgs). **Museu educação e Cultura**: encontro de crianças e professores com arte. São Paulo: Papiros, 2005.

7 CONCLUSÃO

Após a análise de dados concluída e fundamentada pelo referencial teórico percebo que o problema que me motivou durante a pesquisa (Que mediações são necessárias e contribuem para a ampliação do olhar sensível do professor de arte diante de um objeto/linguagem da arte?) torna-se elucidado tendo em vista os dados coletados na aplicação do questionário.

Desta forma, ao mesmo tempo em que as narrativas dos professores respondem minhas indagações, abrem-se novos questionamentos referentes à apreciação estética e a cultura visual no ensino da arte. Uma pesquisa nunca se finda, é um exercício contínuo onde o caminho é constantemente (re) significado.

Com o olhar destas quatro professoras, ficou claro que ainda há dificuldades na participação de cursos de formação continuada. O professor de arte deve estabelecer proximidade com a arte contemporânea e suas manifestações devem buscar a ampliação do próprio olhar, buscar uma formação constante, a qual muitas vezes não é oferecida pelo governo como deveria, mas é oferecida por outras instituições de ensino ligadas a arte ou até mesmo em cursos à distância oferecidos on line.

A maior parte dos professores ainda tem dificuldades em propostas que envolvam apreciações estéticas nas aulas de arte. A própria incompreensão do termo também apresenta fragilidades por estar frequentemente ligada à apreciação de imagens restritamente visuais, como a pintura.

Ainda que a formação dos professores de arte envolvidos nessa pesquisa tenha se dado no campo das Artes Visuais, privar o aluno do contato com as diferentes imagens/linguagens seria privá-lo de se reconhecer enquanto sujeito que produz cultura em diferentes meios expressivos, que vive contemporâneo a uma arte mestiça que usa das mais diversas misturas de linguagens e materiais.

E, muitas vezes – infelizmente – há contradições entre a importância da apreciação estética e a prática da mesma nas aulas de arte. Estes dados revelados respondem com clareza a proposição de meu problema de pesquisa.

Proponho então que os professores, iniciando pelos resultados de minha pesquisa, estabeleçam uma vivência mais constante com a arte, se apropriando de diferentes conhecimentos, inclusive da importância da apreciação estética na aula de arte e sua ligação com a cultura visual, tema pertinente no ensino de arte

contemporâneo.

Fica também evidenciada a dificuldade de encaminhamento da pesquisa, especificamente na coleta dos dados, em específico por órgãos gestores da educação que se anularam em um processo de pesquisa o qual de repente serviria como reflexão da própria prática.

Nossa formação em arte está intimamente ligada à nossa prática em sala de aula. Como futuros professores de arte, buscar esta formação qualificada é compromisso de qualquer professor que se sinta realmente comprometido com sua profissão. É preciso ampliar o olhar, estar atento às mudanças na educação, no mundo e no ensino da arte. Vivemos em tempos de transformações constantes, em um mundo imprevisível e é inevitável estarmos atentos a todas estas mudanças.

Não houve a intenção em algum momento de apontar deficiências na prática dos professores, este não é o foco das reflexões. No entanto as falas contemplam um olhar em descompasso com os estudos apresentados pelos diferentes autores utilizados no referencial teórico.

Entretanto, esta pesquisa não se esgota aqui, porém é uma reflexão necessária para (re)pensar nossa ação enquanto pesquisadores e professores intimamente comprometidos com a formação e a qualidade do ensino-aprendizagem nos mais diversos contextos da sociedade.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Ana Rita Ferreira de. **Encruzilhadas do Olhar**. Porto Alegre: Mediação, 2007.

BARBOSA, Ana Mae. As Mutações do conceito e da prática. In: BARBOSA, Ana Mae(org). **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 2003.

_____.; COUTINHO, Rejane Galvão (Orgs.). **Arte/Educação como mediação cultural e social**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

BRASIL. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares nacionais: arte**/Secretaria da educação fundamental. Brasília: MEC//SEF, 1997.

CATTANI, Icléia Borsa. **Mestiçagens na arte contemporânea**. Porto Alegre: UFRGS, 2007.

CHAUÍ, Marilena. Janela da Alma, Espelho do Mundo. in: NOVAES, Adauto (org) **O olhar**. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

CHIOVATTO, Mila Milene. **O Professor mediador** (artigo). Disponível: www.artenaescola.org.br/pesquise_artigos_texto.php?id_m=13. 2000. Acesso em 09/10/12.

DEMO, P. **Pesquisa: princípio educativo e científico**. 12ª ed. São Paulo: Cortez, 2006.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Cultura visual, mudança educativa e processo de trabalho**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

_____. **Catadores da Cultura Visual: transformando fragmentos em nova narrativa educacional**. Porto Alegre: Mediação, 2007.

LEITE, Maria Isabel. Educação e as linguagens artístico-culturais: Processos de Apropriação/fruição e de produção/criação. In FRITZEN, Cedon, MOREIRA, Janine (orgs). **Educação e Arte: As linguagens artísticas na formação humana**. Campinas: Papirus, 2008.

MARTINS, Mirian Celeste Ferreira Dias; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, Maria Terezinha Telles. **Didática do ensino de arte: a língua do mundo: poetizar, fluir e conhecer a arte**. São Paulo: FTD, 1998.

_____. **Mediação: provocações estéticas**. São Paulo: UNESP, 2005.

MARTINS, Raimundo. **Porque e como falamos da cultura visual?** In Visualidades: Revista do Programa de Mestrado em Cultura Visual. Faculdade de Artes Visuais / UFG. – V. 4, n.1 e 2 (2006). Goiânia: UFG, FAV, 2006.

_____. **Visualidade e educação**. Goiânia: FUNAPE, 2008.

MEIRA, Marly Ribeiro. Educação estética, arte e cultura do cotidiano. In: PILLAR, Analice Dutra. **A educação do olhar no ensino das artes**. Porto Alegre: Mediação, 1999.

_____. **Filosofia da criação**: reflexões sobre o sentido do sensível. Porto Alegre: Mediação, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

OLIVEIRA, Sandra Ramalho e. **O problema da leitura de imagens**. em: <http://www.ceart.udesc.br/Revista_Arte_Online/Volumes/artigosandra.htm>. Acesso em: 21 de outubro de 2012.

OSTETTO, Luciana E. & LEITE, Maria I. **Arte, infância e formação de professores**: autoria e transgressão. Campinas, SP: Papyrus, 2004.

PERISSE, Gabriel. **Estética e educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

PILLAR, Analice Dutra. **A educação do olhar no ensino das artes**. 2º Ed. Porto Alegre: Mediação, 2003.

_____. **A educação do olhar no ensino da arte**. In: BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos (Org.). Inquietações e mudanças no ensino da arte. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2003, p. 71-82.

PILLOTTO, Silvia Sell Duarte. A arte e seu ensino na contemporaneidade. In OLIVEIRA, Sandra Ramalho, MAKOWIECKY, Sandra. **Ensaio em torno da arte**. Chapecó: Argos, 2008.

ROSSI, Maria Helena Wagner. **A estética no ensino das artes visuais**. Educação e realidade V.30, Nº2. 2175-6236 (online), 2005. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/12415>. Acesso em 20/07/12.

TAVIN, Kevin M. Antecedentes críticos da cultura visual na arte educação nos Estados Unidos. In: MARTINS, Raimundo. **Visualidade e educação**. Goiânia: FUNAPE, 2008.

TOURINHO, Irene. Cultura Visual e escola. **Salto para o Futuro** Ano XXI Boletim 09 - Agosto 2011. Disponível em <<http://tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/14380009-CulturaVisual.pdf>> Acesso em 01 Setembro 2012.

ZAMBONI, Silvio. **A pesquisa em arte**: um paralelo entre arte e ciência. Campinas: Autores Associados, 1998.

APÊNDICES

Apêndice 01 – Termo de consentimento e questionário

**TERMO DE CONSENTIMENTO
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DO
PARTICIPANTE**

Estamos realizando um projeto para o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **Cultura Visual: uma narrativa contemporânea no Ensino da Arte**

O (a) sr(a): _____ foi plenamente esclarecido de que participando deste projeto, estará participando de um estudo de cunho acadêmico, que tem como um dos objetivos proporcionar reflexões sobre os processos de mediação a partir dos conceitos de apreciação e fruição estética ressaltando a importância da cultura visual no desenvolvimento do olhar sensível. Embora o(a) sr(a) venha a aceitar a participar neste projeto, estará garantido que o(a) sr(a) poderá desistir a qualquer momento bastando para isso informar sua decisão. Foi esclarecido ainda que, por ser uma participação voluntária e sem interesse financeiro o(a) sr(a) não terá direito a nenhuma remuneração. Desconhecemos qualquer risco ou prejuízos por participar dela. Os dados referentes ao sr(a) serão sigilosos e privados, preceitos estes assegurados pela Resolução nº 196/96, sendo que o(a) sr(a) poderá solicitar informações durante todas as fases do projeto, inclusive após a publicação dos dados obtidos a partir desta. Autoriza ainda utilização das escritas coletadas a partir de questionário e transcritas para cunho de pesquisa de graduação em Artes Visuais – Licenciatura/UNESC.

A coleta de dados será realizada pela pesquisadora Juliana Resende Dutra (48) 91598235 aluna do Curso de Artes Visuais - Licenciatura da UNESC orientada pelo professor Mndo. Marcelo Feldhaus (Telefone: (48)34312530).

Criciúma (SC) 24 de Setembro de 2012.

Desejo que minha escrita seja transcrita utilizando o nome:

Assinatura do Participante

Questionário

Criciúma, setembro de 2012.

Senhor (a) Professor (a) de Arte,

Este questionário é parte fundamental na pesquisa que estou realizando para a composição do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Licenciatura em Artes Visuais pela Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. Peço sua colaboração nas respostas a estas questões, com sua maior sinceridade. Lembrando que, para dar mais liberdade em suas respostas, seu nome será omitido nesta pesquisa.

Pesquisadora: Juliana Resende Dutra

Idade:

Você é licenciado em artes há quanto tempo?

Depois de licenciado, você já participou de cursos de formação continuada na área?

Se sim, com que freqüência?

Para você, qual a importância da disciplina de Arte no currículo escolar?

O que você entende por apreciação estética?

Em sua opinião qual a importância de atividades de apreciação estética nas aulas de arte?

Você realiza freqüentemente aulas de apreciação estética? Se sim como você realiza o processo de mediação com seus alunos?

Você acha que a cultura visual está relacionada com o ensino da arte por quê?